

EU

BRASILEIRO,

**CONFESSO MINHA CULPA E
MEU PECADO**

**CULTURA MARGINAL NO
BRASIL DAS DÉCADAS
DE 1960 E 1970**

**FREDERICO
COELHO**


**CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA**



Resumo de Eu, Brasileiro Confesso Minha Culpa e Meu Pecado

Hélio Oiticica. Torquato Neto. Waly Salomão. Rogério Duarte. Jards Macalé entre outros são alguns dos personagens que figuram na análise de Frederico Coelho sobre a cultura marginal nos anos de 1960 e 1970.

Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado apresenta uma profunda análise da influência deste movimento naquele período histórico e ainda na atualidade. O autor promove um verdadeiro resgate desta movimentação cultural ao estabelecer um novo olhar sobre o tema.

Depoimentos, artigos e entrevistas raras conduzem o texto que apresenta um painel dos principais eventos da produção marginal. "Através das declarações dos próprios participantes das movimentações, construí um panorama das diferenças e afinidades que contribuíram para a formação de duas ações distintas na produção cultural brasileira".

explica. Frederico apresenta uma visão original sobre o movimento tropicalista ao dividi-lo em duas vertentes. Para traçar a formação da cultura marginal, ele faz uma distinção entre o tropicalismo musical e a tropicália.

O primeiro movimento conhecido do grande público inclui os já consagrados nomes de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nara Leão, entre outros. O segundo é mais heterogêneo com personagens como Oiticica.

Júlio Bressane, Glauber Rocha, Waly Salomão, Torquato Neto e muitos outros artistas que transitam entre as artes plásticas, literatura, música e cinema. Com este recorte, o autor pretende mostrar que a tropicália talvez tenha influenciado mais o tropicalismo musical do que se imagina.

"(...) como provocação, podemos sugerir que em vez de os marginais serem necessariamente os "pós-tropicalistas" passam a ser, em outra perspectiva, os "pré-marginais". alfineta. A análise do autor mostra que o artista marginal de hoje.

ligado à cultura popular das periferias é a personificação do ideal marginal de ontem. "Hoje o artista marginal é aquele surge dos bolsões miseráveis e das regiões periféricas das grandes cidades.

Ser um artista marginal é fazer parte orgânica de uma cultura que se impõe como ferramenta de reflexão e criação. de ação individual e resultado coletivo. O artista marginal da atualidade brasileira fornece a carne e o osso à representação ideal do marginal das décadas passadas".

conclui Frederico Coelho.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)